



7

interiormente de preciosas madeiras da região – o vinhático e o til – e com a sua lareira reconfortante para quem chega trespassado pela aragem cortante e pela humidade de que aquelas paragens estão impregnadas” (Lamas, 1956).

Assim, nos trabalhos de conservação e restauro do exterior e interior da casa, realizados em 2017 e 2018, pelo Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, procurou manter-se o espírito do lugar, reforçando a nota da criação de um ambiente que recordasse esses tempos dos primeiros excursionistas à paisagem madeirense e aos ambientes que os enquadravam.

Para além do mobiliário, reunido nos anos 40 do século XX, estão presentes móveis, como mesas de jogo e de chá, uma estante-livraria, arcas, cadeiras, uma camilha de sobrecéu, quase todos em madeira de vinhático indígena. Deve referir-se especialmente um palanquim de ferro e madeira de meados do século XIX, meio de transporte e de passeio das senhoras, representado até numa gravura editada por R. Ackermann em 1821, em exposição. Podemos, ainda aqui, encontrar alguns importantes exemplares originais de gravuras da Madeira, do século XIX, como as de Andrew Picken de 1840, J. Eckersberg e Pitt Springett, 1843.

Deve ainda observar-se um conjunto de atavios de cozinha e mesa de meados do século XIX e XX, como é o caso de uma coleção de formas em cobre, aquecedores de cama, bilhas em grés, alguidares e garrafas de vidro.

A mesa, como quem chega para um repasto após um passeio, está montada com loiças inglesas do final do século XIX e por uma toalha de linho madeirense do início do século XX.

Francisco António Clode Sousa

LEGENDAS

CAPA | Casa das Queimadas, 2018, DSMPC.

1 | Casa de abrigo das Queimadas, Santana, [década de 1950], prova fotográfica, ABM, ENP, pt. 24, n.º 115.

2 | Levada, 2018, DSMPC.

3 | Sala de estar da Casa das Queimadas 2018, DSMPC.

4 | Postal de casa de colmo. Arquivo DSMPC/DRC.

5 | Quarto de dormir 2018, DSMPC.

6 | The Palanquim (do álbum «RECOLLECTIONS OF MADEIRA», de W. S. Pitt Springett), litografia, Impressão Day & Haghe, London, Dimensões 24,2 x 33,3cm, Desenho 1843, Edição 1843, CMFF.

7 | Parque Florestal das Queimadas, 2018, DSMPC.

Síntese documental e bibliográfica

ABM, *Casas de Abrigo*, DREP - Direção Regional de Edifícios Públicos (desenhos e plantas).

CEHA, *Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal - Orçamento ordinário de receita e despesas* (anos 1949 a 1970).

CEHA e BMF, *Diário de Notícias do Funchal* (de 1920 a 1950).

CLODE, Luíza, ADRAGÃO, José Victor, *Novos Guias de Portugal – Madeira*, Lisboa, Ed. Presença, 1989.

DERVENN, Claude, *Madère*, Paris, Horison de France, 1965.

LAMAS, Maria, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Funchal, Eco do Funchal, 1956.

PIO, Manuel Ferreira, *O Concelho de Santana – Esboço histórico*, Funchal, Eco do Funchal, 1974.

RIBEIRO, João Adriano, *Santana – Memórias de uma Freguesia*, JFS, 2002; IDEM, *Santana – Homens e assuntos que a ilustram*, Câmara Municipal de Santana, 2000.

RIBEIRO, Emanuel, *Terra Nossa (Ilha da Madeira: 1814-1917)*, Porto, Imp. Gráfica do Porto, 1936.

SARMENTO, Artur, *As Freguesias da Madeira*, Funchal, Diário de Notícias, 1932.

SILVA, Fernando Augusto da, *Dicionário corográfico do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Ed Autor, 1934;

IDEM, *Elucidário Madeirense*, Vol. III, O-Z, Funchal, SRTC/DRAC, 1998.

Apoio, textos e fotografias:

Direção de Serviços de Museus e Património Cultural/DRC

Casa das Queimadas

Parque Florestal das Queimadas

Sítio das Queimadas, 9230 - Santana

GPS: 32.783598 , -16.905888

Instituto das Florestas e Conservação da Natureza

T: +351 291 740060 / 40

E: ifcn@madeira.gov.pt



CASA das QUEIMADAS

SANTANA - MADEIRA



Secretaria Regional
do Ambiente e Recursos Naturais



Direção de Serviços de
Museus e Património Cultural / DRC



CASA das QUEIMADAS, Santana



1



3



5

A Casa das Queimadas encontra-se ligada à construção da levada do Caldeirão Verde, cujo início se situa entre 1877 e a sua conclusão por volta de 1904.

Relaciona-se assim com a ciclópica tarefa que atravessou os séculos insulares, desde cerca de 1425, de domar a natureza e aproveitar as suas riquezas, como a abundante água que deveria ser canalizada e aproveitada na agricultura.

Para além do extenso, e quantas vezes perigoso, trabalho de canalização das águas e da construção das levadas, sobretudo desde o século XIX, muitos forasteiros excursionistas extasiaram-se com a beleza abrupta das ravinas e montanhas da costa norte, fazendo sobretudo dos hotéis Quinta Acciaolly e Figueira, primeiros da costa norte e pontos nevralgicos, sede do ataque às vistas difíceis e assombrosas do norte brumoso. Essas paisagens foram depois muitas vezes desenhadas e passadas a gravura por todo o século XIX, sobretudo por ingleses, criando álbuns de viagens.

A criação do parque arbóreo e depois da Casa das Queimadas deve situar-se logo no primeiro quartel do século XX, arrastando-se sobretudo até à década de 40, a pormenorização decorativa e equipamento do seu interior.

Sabe-se que em 1948 a Casa das Queimadas estava praticamente concluída, como documenta uma aguarela de Max Römer. Na verdade, em 1949 e 1950, em documentação da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, as obras de conclusão da Casa das Queimadas ficaram registadas. Em 1953 ainda foram adquiridos, para conforto dos utilizadores, uma caldeira



2

e fogões, e executados consertos na chaminé.

A construção da casa teve por base inspiradora a arquitetura característica de Santana, com a sua cobertura de colmo, profundamente enraizada na cultura popular local e que derivava a sua tecnologia dos exemplos tardo-medievais das designadas *casas palhaças*, cobertas de palha ou colmo, que tinham caracterizado a arquitetura insular desde o início do povoamento.

Para além do uso dos materiais tradicionais é curiosa e notória a proximidade à tradição das fenestraçãoes reduzidas e das empenas abruptas que aqui vemos aplicadas.

Os seus promotores ligavam-se a uma vaga de fundo de busca de autenticidade e de renovação contemporâneas da tradição, tornando a Casa das Queimadas uma espécie de modelo a seguir para interpretar a história da arquitetura popular, tornada “habitável” aos padrões do segundo quartel do século XX.

Este projeto, da então Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, liga-se, em termos conceptuais, à ideia de uma arquitetura *autêntica* e personalizada, que movimentos internacionais haviam definido, como, por exemplo, as *Arts and Crafts*, impulsionadas por William Morris (1834-1896), na Inglaterra, que assentava na defesa da integração da arquitetura na natureza e paisagem, recorrendo a modelos tradicionais e locais, e utilizando os materiais típicos de cada região. Estas ideias tiveram repercussões em Portugal através de uma nova geração de arquitetos e dos modelos da *Casa Portuguesa*



4

propostos por Raúl Lino (1879-1974) e outros. Em 1937, J. Reis Gomes publica *Casas Madeirenses*, com a colaboração ilustradora do arquiteto modernista Edmundo Tavares, procurando fixar e sistematizar uma autonomia identificadora da personalidade arquitetónica insular ao longo de séculos, mas sobretudo para se transformar em fonte orientadora e basilar da nova arquitetura, que deveria sintetizar e provar a sua diferença.

Muito interessante é a assunção da Casa das Queimadas como modelo global, colado ao território, não só em termos arquitetónicos como também decorativos, cuja exigência primeira esteve no rigor das escolhas das ricas madeiras da nossa floresta para o soalho de til, das cantarias de tufo vermelho para o fogão de sala, das cortinas de linho da terra, dos tapetes de lã de ovelha, da criação de cópias fidedignas de armários de caixa de açúcar, tirando por modelos exemplares da coleção de César Gomes, doada à Junta Geral em 1946, depois transitados para o Museu da Quinta das Cruzes, aberto oficialmente ao público em 1953.

Criada na lógica da construção de outras casas de abrigo nas serranias da Madeira, desde o tempo do governador conselheiro José Silvestre Ribeiro, no século XIX, para acolhimento dos cantoneiros, caminhantes e turistas crescentes, deve situar-se como exemplar cimeiro e modelo público de um *novo* gosto e do saber *estar e ser* madeirense.

Maria Lamas sublinha que “Quem partir de Santana encontrará o oásis florido das Queimadas, com a sua casa coberta de colmo, revestida



6